

IMAGENS DE NEGROS (AS) NO DISCURSO DA IMPRENSA NEGRA

*Ariluci Goes Elliott**
*Mirian de Albuquerque Aquino***

A construção de imagens de negros (as) como seres inferiores os (as) empurrou para a marginalização social, econômica, psicológica. Culturalmente, essa população viu-se pressionada pela imprensa branca: a mesma que renegou a produção cultural de negros (as) por considerá-la “subproduto de uma etnia inferior”. Em decorrência, a imprensa negra circulou restrita e exclusivamente no meio de uma população que exercerá uma função social, política e catártica durante o seu percurso.

O ano 1915 é considerado um momento significativo em que a imprensa negra desempenhou importante papel social e ideológico na comunidade negra, atuando como um meio de comunicação alternativo com a finalidade de refletir os desejos, os anseios e as reivindicações de uma população que vivia oprimida economicamente “e discriminada pela sua marca de cor que os setores deliberantes da sociedade achavam ser estigma e elemento inferiorizador para quem a portasse” (Moura, 1988, p. 204).

Na visão de Moura, o não reconhecimento da imprensa negra nesse período, subestimada e desgastada por uma visão da imprensa branca, marginaliza os jornais negros revelando “que o negro, no caso específico brasileiro, dela se aproveita, para, numa reviravolta, autoafirmar-se psicologicamente” (Moura, 1988, p. 23). A crítica de Moura recai na construção da imagem do negro, na primeira e na segunda fase da imprensa negra – 1915 a 1930 e de 1930 a 1937 – em que se produziu o apagamento de sua condição de luta, não registrando “de fato, nas suas páginas, qualquer referência à participação nos sindicatos, nas lutas reivindicatórias, ou de participação

* Professora assistente do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC – Campus Cariri). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp – Marília. Mestre do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFPB. Especializada em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade de Brasília (UnB) e graduada em Biblioteconomia pela UFC. E-mail: ariluci@cariri.ufc.br.

** Doutora em Educação. Professora associada no Departamento de Ciência da Informação. Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), professora do Programa de Pós-graduação em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação, Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)(1998). Coordenadora do Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas (Geincos). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnicorraciais (Nepiere). E-mail: miriabu@gmail.com.



política radical em partidos de esquerda” (Moura, 1988, p. 215), sendo possível identificar uma reviravolta apenas na última fase da imprensa negra paulista que se estende de 1945 a 1963 com o retorno do regime democrático.

Ainda que a criação e a produção tenham sido destinadas a um público segmentado, os jornais editados alcançaram diversos leitores no período que sucedeu a abolição. Nesse sentido, as reflexões de Santos (2007) levam-nos a compreender que tais jornais foram produzidos com a perspectiva de eliminar não apenas o preconceito racial em suas múltiplas manifestações, mas também para tentar afirmar socialmente os (as) negros (as) por meio da instrução e da luta contra o que algumas pessoas consideravam como marasmo. Dessa forma, permanece a ideia de que os jornais da imprensa negra serviram como “um instrumento para a maior integração deste grupo na sociedade republicana das primeiras décadas do século XX” (Santos, 2010, p. 13). Em uma das partes desses periódicos, segundo Santos, era possível reduzir as inquietações da população negra em relação a sua inserção na sociedade, pois estes periódicos “tinham um caráter pedagógico e instrutivo [e um] forte apelo político para a tomada de uma certa consciência considerada adequada por seus editores” (Santos, 2010, p. 12).

O acesso a esses periódicos e sua circulação entre as pessoas de baixa renda ficavam, quase sempre, comprometidas, pois não havia desprendimento por parte delas para aquisição dos mesmos, por estarem desprovidas de recursos financeiros. Em razão da precariedade das condições financeiras para manutenção, os jornais eram mantidos por associações ou com recursos dos seus próprios membros (Santos; Salvadori, 2006). Em outras ocasiões, eram realizados bazares com objetos doados pela comunidade para conseguir fundos. Além disso, os autores, ora mencionados, explicam que as matérias eram dispostas desorganizadamente pelas páginas, demonstrando que os redatores estavam interessados em preencher todos os espaços dos jornais. Os mesmos autores constataram também que os anúncios eram colocados geralmente na última página e davam a impressão de

que muitos deles eram de comerciantes brancos, embora os jornais não façam nenhuma menção ou diferenciação a esse respeito. Os anúncios, provavelmente, eram uma das maneiras para obtenção de recursos financeiros para auxiliar na sobrevivência destes jornais (Santos; Salvadori, 2006, p. 3.614).

O pesquisador francês Roger Bastide, considerado como um dos pioneiros a estudar o tema da imprensa negra e a realizar análises de alguns jornais publicados no estado de São Paulo, durante o período de 1915 a 1937, não reconheceu esses jornais como *uma imprensa de informação*, pois, segundo ele, esse periódico “só tratava de questões raciais e sociais, que só se interessava pela



divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor”. Enfatiza ainda, que esses periódicos estavam voltados para os “homens de cor”, com a finalidade de dar-lhes o “senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação”. (Bastide, 1973, p. 130). Contudo, Santos (2007, p. 17) argumenta que Bastide se preocupou em analisar tais jornais, sociologicamente, “de uma maneira geral, privilegiando alguns títulos, principalmente aqueles que circularam na década de 1930”, estabelecendo algumas conceituações que serviram de norte para outros autores.

O que é a imprensa negra? O que revela o discurso jornalístico? Que imagens são evidenciadas nesse discurso? São questões que necessitam ser explicitadas. Para Souza (2007, p. 14) a “imprensa negra [é] um órgão de informação, na medida em que fez ver a negritude, mostrar o que estava acontecendo com as associações negras e principalmente por mostrar a situação de desigualdade dos negros [...]”. É também para este autor um órgão de formação posto que “procurou incentivar determinadas atitudes, comportamentos e ações considerados e adequados e condenar tudo aquilo que tivesse contrário a esses valores”.

Do ponto de vista de Moura (1988), “a imprensa negra reflete como os (as) negros (as) articulam este conceito em relação a si mesmos. Oprimidos socialmente e discriminados etnicamente, estigmatizados pela sua marca étnica, os negros concentram nesta marca o potencial de sua revalorização simbólica, do reencontro com a sua personalidade” (Moura, 1988, p. 210).

O discurso jornalístico produz e revela imagens sobre determinados grupos sociais, tendo com finalidade informar à população a respeito de certos acontecimentos que ocorrem no mundo social com base em parâmetros já estabelecidos. Em outros momentos, esse discurso demonstra os interesses de pessoas ou grupos relacionados aos meios de comunicação, fatores históricos e ideológicos que influenciam sua construção (Mariani, 1999, p. 75). Porém, os sentidos produzidos através daquilo que o discurso informa já têm um sentido fundador porque o sujeito que enuncia diz algo sobre o outro e está inscrito em uma formação discursiva que interage com outras formações discursivas, formando uma prática discursiva.

O funcionamento do discurso jornalístico inclui as condições de produção que envolvem os sujeitos do discurso, o contexto sócio-histórico, o tipo do discurso (discurso jornalístico), a formação discursiva, ou seja, os enunciados regulares e similares, que estabelecem o que pode ser dito ou não, a formação ideológica, a posição de confronto, que leva a diversas formações



discursivas. Esse discurso traz uma informação sobre o outro, que é carregada de ideologia e pode ser emitida por meio de textos, fotografias, imagens ou diálogos, construindo um imaginário¹ para os leitores e estes passam a ler esses periódicos como “responsáveis por informar a população já que são os detentores da verdade, uma vez que só publicam a realidade, ou seja, os fatos ocorridos” (Hernandes, 2004, p. 91) ou as ideias que se formam sobre alguém.

Quando brancos (as) discriminam negros (as), o fazem de um lugar que sempre fabrica um estigma que pode ser identificado nesse fragmento: “negro não é gente”. Trata-se de um funcionamento discursivo que denota uma interação entre o sujeito que diz e o sujeito que escuta o que se diz sobre si e esse dizer está sempre implicado numa formação ideológica. Esse tipo de discurso “é reforçado pela imprensa que se utiliza de estratégias para convencer o leitor de que está publicando a realidade dos fatos” (Schneider; Soares, 2010, p. 17-18) ou o que considera que o outro sujeito é.

Trata-se de uma “prática discursiva que atua na construção e reprodução de sentidos” (Mariani, 2003, p. 8). E Hernandez (2004, p. 46), complementando essa ideia, afirma: os jornais sempre reproduzem realidades filtradas, em que os editores escolhem a informação que consideram relevante informar à sociedade para criar uma sensação de realidade ou a sua verdade, levando ao esquecimento ou negação do que é visto como inoportuno ou pouco importante na situação retratada.

Este artigo tem como objetivo analisar as imagens de negros (as) evidenciadas no discurso da imprensa negra em um periódico que circulou no ano de 1916 na cidade de São Paulo. Essa análise é importante porque as imagens têm ocupado espaço na mídia impressa e falada e, ao analisá-la, conforme Afonso (2005, p. 62) citando Aparici (1998), é possível “diferir a carga valorativa que cada pessoa individualmente lhe atribua, ou que o objeto lhe provoque, mas objeto não é diferente por causa disso”. Por imagem, Martine (2007, p. 13) “designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece”.

¹ O imaginário social é formado por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico [e] depositário da memória que os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. Expressa-se por ideologias e utopias, símbolos, alegorias, rituais e mitos (Gregolin, 2004, p. 97).



Os discursos produzem imagens e sentidos que decorrem da ideologia dos sujeitos revelando o modo como eles “compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos” (Fernandes, 2007, p. 21). Os sentidos que se movem constantemente mostram que o “discurso fundador”, aquele que “funda e refunda sentidos”, pode ocorrer em qualquer época porque os discursos fundam uma nova ordem política, social, cultural em qualquer momento. Essas imagens não constituem meras ilustrações editadas nos textos, livros ou periódicos, mas são também outra fonte de conhecimento que descreve ou narra sobre uma dada realidade. Essas imagens, para Afonso (2005), são compostas por planos perceptuais diferentes e, na forma de serem organizadas, obedecem a diferentes princípios, que variam conforme o objetivo e a perspectiva de quem as produzem e de quem as apresentam. Além disso, as imagens “podem ser utilizadas com diferentes intensidades, variando conforme o grau de veracidade e de explicitação da realidade” (Afonso, 2005, p. 123) que os sujeitos do discurso jornalístico desejem operá-las.

ANÁLISE DAS IMAGENS NOS DISCURSOS DOS JORNAIS DA IMPRENSA NEGRA

A análise das imagens de negros (as) evidenciadas no discurso da imprensa negra fundamenta-se na articulação teórico-metodológica do linguístico, social, histórico e ideológico que põe a linguagem na relação com os modos de produção social. Nessa perspectiva, o discurso é o efeito de sentidos entre os sujeitos (Pêcheux, 1990, p. 25) em interlocução manifestando-se através da linguagem que, em seu formato lexical, morfológico e semântico, serve para identificar imagens de negros (as) a partir das quais procuramos entender que certo modo de dizer oculta ou traz à tona “[...] a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema” (Fernandes, 2007, p. 19).

Na pesquisa intitulada Informação, Imagem e Memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, 24 jornais foram identificados e selecionados como materialidade *mensal, noticiosa, literária e crítica dedicada aos homens de cor*. Tomamos como foco de análise os jornais O Menelick e A Pérola, cuja análise foi dividida em três momentos, constituídos por 15 discursos extraídos dos jornais selecionados para este estudo. Entretanto, nesse artigo nos deteremos apenas na análise do O



Menelick, privilegiando os gêneros² e 9 fragmentos. Essa materialidade traz elementos de informação e memória que permitem reconstruir e interpretar as imagens construídas sobre negros (as) no discurso jornalístico.

No ano de 1915 fundou-se o jornal O Menelick emergindo de uma necessidade de se refletir sobre a vida social e cultural dos (as) negros (as), denunciar a discriminação e o racismo na sociedade e analisar o comportamento e a ideologia do negro urbano da cidade de São Paulo. No ano de 1916 (ano de edição do jornal em análise) foi criado o Centro Cívico Palmares, também em São Paulo, que “ganha projeção junto à imprensa, especialmente como uma instituição voltada para atividades educacionais e incorporação dos ‘homens de cor’” (Fagundes; Gomes, 2007, p.77) Este órgão identificado como um dos principais órgãos de formação política para as “classes de cor e preocupado com a educação ou a sua falta na conscientização dos *homens de cor* que não poderiam competir no mercado de trabalho porque não sabiam ler ou escrever”. Esse periódico tal qual os demais jornais, que circularam nesse período, “foram criados e dirigidos por diversos grupos de negros (as), muitas vezes associados (as) aos clubes culturais existentes na época; em outras ocasiões estavam ligados (as) a grupos independentes ou aos que comprovavam sua participação político-partidária (Santos, 2007).

O Menelick foi escolhido para análise pelo número de citações que foi percebido sobre a temática e o segundo pelo ineditismo. Esse periódico normalmente tinha o formato in-quarto e as suas dimensões, em geral, eram de 32 a 46 cm por 23 a 32 cm. A primeira página apresentava o cabeçalho com o nome do jornal, subtítulo – *Orgam*, data, número de edição e, em alguns deles, o valor do jornal. Sua periodicidade variava, em alguns casos, semanal; em outros, quinzenal ou ainda mensal. Eram vendidos avulsos ou por assinatura semestral e anual. Neste período, o valor do jornal avulso variava entre 100 e 200 réis, a assinatura semestral ficava em torno de 3 a 4 mil réis e a assinatura anual entre 5 a 12 mil réis.

Como o discurso jornalístico construiu imagens sobre o negro nos jornais da imprensa negra que circularam no ano de 1916? Qual o papel da imprensa negra no campo jornalístico e sua produção na época demarcada pelos jornais? Finalmente, o terceiro momento relaciona os discursos

² O estudo dos gêneros, segundo Fernandes (2010), é muito importante para a Análise do Discurso, pois estabelece relações entre o texto e o contexto social de sua produção, possibilitando a realização de uma análise com mais profundidade que não se estaciona apenas na sua materialidade linguística ou na sua situação de produção, mas obriga o analista do discurso a percorrer um caminho em direção à estrutura do texto e do seu suporte e às condições que envolvem a produção desse texto, especialmente o contrato estabelecido entre os sujeitos do discurso.



e as imagens sobre o(a) negro(a) produzidos pela imprensa negra com o contexto da época e período analisado.

O Discurso n. 1 – O Menelick, gênero informativo, da autoria de Deocleciano Nascimento, traz como tema uma homenagem ao soberano chamado Menelick II, datado de 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo, refere-se a uma homenagem de seus fundadores a um soberano da Etiópia,³ chamado Menelick II, que obstaculizou “os propósitos imperialistas europeus na África investindo na expansão das fronteiras do seu próprio império com muita habilidade diplomática e perspicácia, tendo governado a Etiópia até 1913” (Albuquerque, 2002, p. 229). Este jornal era um espaço de comunicação de textos jornalísticos sobre negros (as) e, como um dos meios de comunicação impresso, passava a ideia de que procurava informar aos (às) negros (as) sobre a condição escrava, veiculando informações que produziam um efeito de sentidos.



Figura. 1. Título do Jornal. O Menelick, n. 03, 1º de janeiro de 1916, p. 01.

O Menelick apresentava sua periodicidade mensal, com registro sob o ano I e n. 3, tendo quatro páginas, datado de 1º de janeiro de 1916. A primeira página traz o cabeçalho com o nome do jornal, O Menelick, e o subtítulo – orgam⁴ mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor. Em termos de ilustração, o jornal apresenta alguns ornamentos como flores e contornos ao redor dos poemas/contos. Os artigos são agrupados, em formato de colunas, com quatro colunas para cada página, contendo notícias do dia a dia, como anúncios de festas, fofocas, paqueras, inaugurações de clubes, concursos de beleza, espaços para aniversariantes, falecimentos e, em outras seções, poemas e contos.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada “Cidadania e educação dos negros por meio da imprensa negra em São Paulo (1915-1937)”, Souza (2007, p. 27) constatou que, na primeira página, a edição registra o número 3, inferindo o autor citado que pode ter ocorrido um erro no momento da impressão, pois que, na realização da análise dos dados verificou que se tratava do número 2. Tal fato, possivelmente pode ter ocorrido porque os trabalhos de tipografia eram precários na edição

³ Foi o primeiro país africano a conquistar sua independência.

⁴ É a denominação dada ao veículo (jornal ou revista) de uma empresa ou entidade.



desses jornais e, muitas vezes, o trabalho de impressão ocorria em oficinas improvisadas nos fundos da casa de algum membro do jornal.

Em seguida, analisamos o Discurso n. 02 que se situa no gênero jornalismo operativo, de autoria de Deocleciano Nascimento e B. Pereira, tendo como tema “Títulos das várias colunas” datado em 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo.

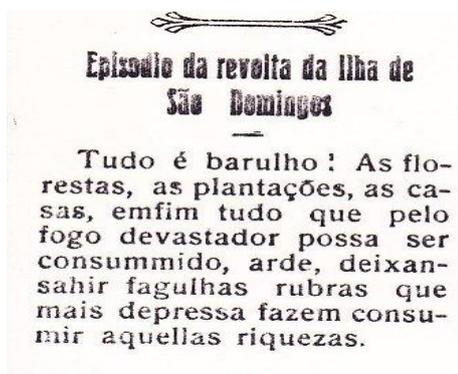
A caixa e o balaio
 Na Berlinda BOAS FESTAS
 Pelos Salões

Figura 2. Títulos da página 3 do jornal. O Menelick, n. 03, 1º de janeiro de 1916, p. 03.

Os sujeitos do discurso jornalístico responsáveis pela sua publicação à época eram Reginaldo Maximo Gonçalves (presidente); Deocleciano Nascimento (redator); Geralcino de Sousa (redator) e Marinheiro, Marcus Primus, Roque Cardoso Rosa, Camargo, João Evangelista, B. Pereira (colaboradores), entre outros.

O Menelick pode ser descrito como informativo comunitário que abordava assuntos relativos à cultura e à identidade negra. Tinha a ser poético e interativo e, muitas vezes, encarregava-se de convidar a comunidade para participar do jornal com o envio de contos ou poesias, além do que, dedicava um pequeno espaço para “paqueras” e “fofocas” entre leitores e outras figuras do distrito de Campinas, onde se dava a circulação desse periódico. Não apresenta imagens, mas letras diferentes, mudando a fonte a cada verso/poesia/conto/aviso existente. Combinadas, formavam diferentes discursos escritos pelos atores sociais da época.

Prosseguindo a análise, nos deteremos nos discurso nº 03 – gênero conto – que é de autoria de Marcus Primus, tendo como tema Episódio da revolta da Ilha de São Domingos, datado em 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo.



Episódio da revolta da Ilha de
 São Domingos

Tudo é barulho! As florestas, as plantações, as casas, enfim tudo que pelo fogo devastador possa ser consummido, arde, deixando sahir fagulhas rubras que mais depressa fazem consumir aquellas riquezas.

Figura 3. Conto: Episódio da revolta da Ilha de São Domingos. O Menelick, n. 03, 1º de janeiro de 1916, p. 01.



O primeiro momento da análise centra no conto *Episódio da revolta da Ilha de São Domingos* que retrata o panorama do ano de 1789 quando a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos representava dois terços do comércio exterior da capital francesa. Esta era considerada o maior mercado individual para o tráfico negreiro europeu e reconhecida como a maior colônia mundial cuja “estrutura era sustentada pelo trabalho de meio milhão de escravos” (James, 2000, p. 15). Entretanto, como aponta o autor, esse apogeu não durou muito tempo, pois que, em 1791, os escravos se revoltaram, desencadeando uma luta contra os seus opressores – os brancos, incluindo os soldados franceses – que se estendeu por 12 anos.

O contexto socio-histórico em que é tecido o conto é a Ilha de São Domingos, onde ocorreu a revolta dos (as) escravos (as), a qual foi movida pelo labor exaustivo e desumano aplicado ao povo negro durante décadas, para o qual estava destinada a árdua tarefa de sustentar com a sua força de trabalho um dos mais lucrativos negócios do Novo Mundo. Na lavoura da cana de açúcar, os (as) negros (as) plantavam as mudas, cuidavam dos brotos e do seu crescimento, faziam a colheita. Enfim, eles (as) eram responsáveis por toda a fabricação do açúcar.

Este conto se aproxima dos relatos históricos a descreverem que as punições por meio de chicotes eram mais comuns do que o recebimento da comida pelos negros. Sobre essa questão, James (2000) afirma que o pessoal que visitava essa ilha “era acordado pelo estalo do chicote, pelos gritos sufocados e gemidos profundos dos pretos que viam o sol surgir apenas para amaldiçoá-lo por mais um dia de trabalho e de sofrimento” (James, 2000, p. 24). A manutenção da escravidão pelos donos de engenho baseava-se em castigos violentos com um nível de perseguição implacável.

Na tessitura do conto, o leitor sente a tortura sistemática que originou uma sede de vingança por parte dos(as) negros(as). E esta tortura foi um dos motivos que desencadeou a revolta, iniciada em 1791, sendo esta considerada por alguns estudiosos da questão como a única rebelião vitoriosa de escravos(as). Embora James (2000) afirme que nem todos os(as) escravos(as) eram submetidos(as) ao regime de tortura, havia um grupo privilegiado que se submetia às atividades domésticas, sem deixar, entretanto, de ser reconhecida a sua condição de escravo. Segundo o autor,

[...] um pequeno número deles aproveitava essa posição para se educar, adquirir um pouco de cultura e aprender tudo o que pudesse [enquanto] centenas de milhares suportavam nas suas costas arqueadas toda a estrutura social de São Domingos (James, 2000, p. 33).

A história relata que a revolta de São Domingos contribuiu para a independência do Haiti, proclamada em 1804. Influenciada pela Revolução Francesa, essa independência é considerada a



única revolta de escravos bem-sucedida desde a Antiguidade clássica. Para tal, organizaram suas estratégias lançando mão do vodu como um meio de mascarar e desviar o olhar dos inimigos da conspiração. Nesse sentido, autores como Nascimento (2008) afirmam que “a Revolução Haitiana também trouxe um endurecimento das leis escravistas e dos mecanismos coercitivos, além de uma atitude menos tolerante para com os homens livres de cor”. Para os (as) escravos (as), tal revolução “mostrou que era possível construir um movimento de libertação que os levasse à tomada do poder” (Nascimento, 2008, p. 127).

Iniciada por Toussaint L’Ouverture,⁵ essa revolta visava assegurar ao povo haitiano os mesmos direitos exigidos pelos arautos da Revolução Francesa que agitavam à época os habitantes da colônia haitiana. Ao tomar consciência de sua situação, os(as) negros(as) deram início à organização da revolução, matando seus patrões e queimando suas riquezas. Os(as) negros(as) queriam a igualdade e viam a possibilidade de assegurar sua liberdade e eliminar o racismo.

Observemos que o fragmento 1, *Tudo é barulho! As florestas, as plantações, as casas, em fim tudo que pelo fogo devastador possa ser consumido, arde, deixansahir fagulhas rubras que mais depressa fazem consumir aquelas riquezas*, mostra a dinâmica dessa revolução negra, o caráter da luta, da revolta, a realização do desejo dos (as) negros (as) ao exterminar seus opressores. Na análise, deparamo-nos com alguns aspectos concernentes à norma linguística em que o conto foi construído, revelador de dada inscrição social do sujeito enunciativo. Esse conto foi produzido em um momento histórico e trabalha com a memória de um povo, traz à tona elementos da história do Haiti, da Ilha de São Domingos.

O conto retrata um sujeito discursivo que postula a integração do negro na sociedade marcadamente assumida pelo segmento branco. Apresenta marcas de temporalidade e historicidade que trazem o passado como condição para se compreender o presente. Como atesta Burke (1992, p. 43), deve-se ler o passado para compreender o presente. Essas marcas são apresentadas em acontecimentos da revolta e tomadas como objetos de discursividade. Além disso, todo discurso é destinado a um outro sujeito, a quem o Eu deseja persuadir, convencer, informar, “levar o outro à aceitação de uma dada ideia” (Citteli, 2000, p. 13).

⁵ Foi o maior líder da Revolução Haitiana e, em seguida, governador de Saint Domingue, o nome do Haiti na época. É reconhecido por ter sido o primeiro líder negro a vencer as forças de um império colonial europeu em seu próprio país. Nascido escravo, tendo sua formação em armas e tendo levado uma luta vitoriosa para a liberação dos escravos haitianos, ele passou a ser uma figura histórica de importância no movimento de emancipação dos negros na América. Disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Toussaint_Louverture. Acesso: 27 jul. 2010.

À luz das reflexões de James (2000, p. 93-94) é possível ver, no fragmento 2, que “os escravos destruíam com fogo sem cessar tudo aquilo que causara o seu sofrimento e se destruíam muito era porque muito haviam sofrido. Eles sabiam que enquanto as fazendas permanecessem de pé, o seu destino seria trabalhar nelas até o esgotamento”. Essas imagens de destruição à primeira vista podem conduzir ao discurso fundador, cuja regularidade histórica do dito, enuncia a brutalidade da raça negra. Porém, o não dito revela que os (as) negros (as) lutavam contra um trabalho desumano e exaustivo ao qual estavam submetidos (as) pelos proprietários de terras e dos escravos (as), os quais viviam da exploração humana.

O panorama não era favorável aos (às) negros (as) e, portanto, precisava mudar aquela situação, o discurso da opressão, da inferiorização para o discurso da libertação social e política. O conto irá nos remeter a uma outra formação discursiva que ganha sentido porque se origina de um jogo definido pela formação ideológica dominante na conjuntura da época: integrar o negro à história, conscientizar-se de sua condição de escravizado. Nesse sentido, sinaliza Fernandes (2007, p. 20): “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana”. Este gênero literário, para Santos (2007, p. 27), é uma característica forte dos jornais da imprensa negra.

O conto revela também um contexto com características sociais e políticas produzidas em condições adversas de *destruição, vingança, fé, violência, barulho, fog, tormento, sangue e morte*, mescladas de *paixão e amor sublime*. São elementos significativos, repletos de efeitos de sentidos, que demonstram o nível de conflito no ambiente em que se encontravam os sujeitos envolvidos apartados como participantes da história. Esses sujeitos podem ser caracterizados em categorias distintas, formadas por um cenário que irrompia sobre as florestas, as plantações e as casas vítimas do fogo; o pobre campônio, sua esposa e sua filha loura (a moça) – alvo de vingança e de amor; os homens de cor/pretos/negros, a desejada liberdade, os brancos destruídos, o apaixonado não correspondido e a morte, companheira dos sujeitos desse episódio.

No fragmento 2, a expressão *bravos homens de cor*,⁶ a raça e a cor aparecem como elementos identitários do povo negro. São homens que sentem, na própria pele, a negação de sua identidade, da busca de diferença e da construção de múltiplas identidades. O que desejavam esses *homens de cor*? Que discurso enunciavam? Ao que parece, eles ensejavam dignidade, cidadania e civilidade para si e seus entes queridos. Bravamente, lutavam por uma educação para homens e

⁶ Vemos questões conceituais quando se usa o termo “homens de cor”. Este termo recebeu influência da cultura norte-americana.



mulheres assegurarem um lugar na sociedade onde estavam inseridos. Eram homens que tinham como bandeira de luta o engendramento de esforços para elevar o nível econômico e intelectual das pessoas de cor e torná-las capacitadas a ingressar na vida social e administrativa da sociedade haitiana. No Brasil, contrariamente à sujeição desejada pelos opressores, a imprensa negra ensejava: a ascensão do negro mediante seu aprimoramento intelectual e bom comportamento social. Era necessário educar os filhos e filhas para que conseguissem o reconhecimento social dos brancos (Moura, 1988).

O fragmento 3 traz a expressão *negro não era gente* como uma negação que sugere o negro com um sujeito sem nome, desprovido de identidade. O funcionamento do discurso parece apontar para a ausência de identidade transportada para a coletividade, constituindo o fator básico da invisibilidade do negro. Os sentidos produzidos sobre o(a) negro(a) é sua inferiorização diante da imagem de superioridade que o(a) branco(a) europeu (eia) construiu para si. Quando discriminado(a), o(a) negro(a) promete vingar-se, na primeira oportunidade, das ofensas sofridas. Nesse sentido, James (2000, p. 31) observa que “os colonistas chamavam-nos de todos os nomes infames que pudessem imaginar [...] cruéis, bárbaros, semi-humanos, traiçoeiros, pérfidos, ladrões, beberrões, arrogantes, preguiçosos, sujos, sem-vergonhas, furiosamente ciumentos e covardes”. Esses adjetivos faziam parte da crueldade praticada pelos algozes, que faziam com que o(a) negro(a) permanecesse como “fera bruta” e fosse tratado(a) muitas vezes como animais.

A imagem do(a) negro(a) foi sendo construída pelos (as) colonizadores (as) a partir de um tipo de discurso que a história não pode negar: o discurso médico cujos diagnósticos relativos às anomalias e enfermidades, que acometiam os (as) negros (as) “devido aos maltratos e trabalhos forçados, eram influenciados (as) pelo espírito da época com suas teorias raciais” (Barreto Júnior, p. 106), apagando o fato de que o(a) negro(a) é sujeito de sua história.

O fragmento 4 *negro não era gente?* é expresso na forma de interrogação. Seriam mesmos os (as) brancos (as) superiores aos (às) negros (as)? Eram negros (as) considerados (as) mercadorias? Os (as) negros (as) eram alvos de um sistema preconceituoso e discriminatório? Essas manifestações eram explícitas e pautadas na hostilidade quando atribuíam aos (às) negros (as) adjetivos pejorativos diversos para se dirigir a eles (as) nos crimes de agressão física e calúnia também sofridos por este povo. Segundo Furtado (2008, p. 1), para os “colonizadores, o(a) negro(a) não era gente, não tinham alma, depois de 70 anos após a abolição, a igreja reconheceu que o negro era gente e que por cima de tudo tinha alma”.



Esse reconhecimento irá aparecer no fragmento 5 – *negros são tão gente como os brancos* – no qual o termo *negro* reporta a uma significação da consciência negra quando afirma, questiona e confirma que *negros são gente como os brancos*. Podemos dizer ainda, conforme o conto, que o(a) negro(a) apenas na morte se iguala ao (à) branco(a), ou seja, quando ele(a) deixa de existir, não significando mais nenhum tipo de ameaça ao mundo real é possível haver o reconhecimento da condição etnicorracial de sujeito e construtor da história na atual sociedade.

O fragmento 6 traz *um enorme grito echoou pelas proximidades da casa! São eles os pretos*, denotando elementos de *luta, grito, força*, atribuindo um *significado* social que se instaura na relação de *opressão versus liberdade*. Envolve o negro(a) na sua relação com a luta coletiva pela liberdade, afastando-se da imagem de discriminação instaurada no passado. Gritavam quando sentiam o estalo do chicote, e agora vibravam com a liberdade conquistada. Essa conquista vai aparecer no fragmento 7, *um preto, um dos mais ardentes chefes daquela memorável revolta, estava com um punhal agudo sobre a cabeça da moça!* Há uma mudança de termos, o homem que luta já não é mais o negro, mas o preto. Parece que essa palavra se aproxima mais do que se chamou de “homens de cor”.

O fragmento 7 retrata um desejo, forte senso de justiça, de amor à liberdade, devotando o ódio eterno pela tirania que afetou o povo negro. Havia negros (as), mestiços (as), escravos (as) livres entre eles, formando bandos separados, tendo à sua frente um chefe que era forte o suficiente para unir os grupos. Tal fragmento nos aproxima de James (2000, p. 34) quando o autor ressalta que existiam “líderes rebeldes que inspiravam o terror no coração dos [as] colonistas devido às suas incursões nas fazendas e à força e determinação da resistência organizada por eles contra as tentativas de exterminá-los”. O maior desses chefes foi Mackandal.⁷

O fragmento 8, *outro preto obsta que seu chefe consumma aquele acto!*, gravita em torno de um discurso que produz efeitos de sentidos que se aproximam de um gesto de amor no momento em que o preto parece relevar todas as humilhações que sofreu dos brancos e renuncia à sua própria vida para salvar a *moça loira*. A morte do preto rejeitado poderia ser simbolizada como a extinção da *raça negra*, ao passo que a preservação da vida da mulher branca é um triunfo da “raça branca” (Santos, 2007, p. 46). Estamos diante de um amor impossível para a época, posto que um homem preto jamais seria correspondido afetivamente por uma mulher branca. De acordo com Telles (2003, p. 137):

⁷ Era um africano que é por vezes descrito como sacerdote vodu haitiano, ou houngan (James, 2000 p. 20).



Ser branco no Brasil continua a ser uma vantagem, mesmo no caso do casamento inter-racial. A cor ou raça ainda é um fator importante que hierarquiza, divide e determina o valor do indivíduo. A miscigenação implica em maior tolerância racialmas não evita a discriminação, mesmo entre casais inter-raciais.

Assim, as maneiras de assumir-se negro e diferenciar-se dos demais foram percebidas como um fenômeno recente que modifica a relação de cada indivíduo com o *ser negro*. Tal comportamento evidencia os conflitos existentes nas relações sociais. A não aceitação do casamento com brancos é apontada como um posicionamento *racista*; da mesma forma, a posição de que *negro só casa com negro* é igualmente atribuída a tal posicionamento.

O fragmento 9 *seriam talvez os brancos melhores que os pretos?* mostra que, em São Domingos, existiam brancos ricos e pobres, além dos mulatos livres e negros/pretos livres. Reconheciam o preto como uma pessoa violenta, mas havia o outro, *apaixonado pela moça branca*. Quanto mais questionamentos existiam sobre a identidade dos pretos (discriminação, racismo), mais profundos eram os traumas que eles sentiam dessa discriminação contra a raça negra, mas, nem a legislação⁸ e nem o preconceito podiam destruir a atração que as mulheres brancas sentiam pelos homens negros/pretos (James, 2000, p. 48).

Ao estudar a questão do negro, Fernandes (1978, p. 1) coloca a impossibilidade de separação da raça e classe. Na sociedade brasileira, as categorias raciais não contêm, em si e por si mesmas, uma potencialidade revolucionária. (...) Portanto, para ser ativada pelo negro e pelo mulato, a negação do mito da democracia racial no plano prático exige uma estratégia de luta política corajosa, pela qual a fusão de *raça* e *classe* regule a eclosão do povo na história.

Na luta de classes articulada juntamente com a luta contra as desigualdades raciais é que se pode pensar a possibilidade de superação da dominação de classes. Os conflitos raciais constituem um grande desafio de abordagem jornalística. Os jornais/informativos têm trazido à tona as desigualdades raciais existentes, informando e dialogando com a população e autoridades através de seus canais de denúncia sobre discriminação.

Em relação do discurso nº 4, gênero opinativo, de autoria de Deocleciano Nascimento, cujo tema é Editorial, datado em 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo. O editorial é aqui entendido como um gênero jornalístico discursivo que circula nos jornais da imprensa negra,

⁸ A legislação “Código Negro de 1685” autorizava o casamento entre o branco e a escrava que tinha filho dele, libertando a escrava e a criança. O Código dava ao mulato livre e ao negro livre direitos iguais aos dos brancos (James, 2000, p. 48).

expressando o seu ponto de vista a respeito de temas e/ou acontecimentos. Sua linguagem é objetiva, para uma leitura rápida, contemplando assuntos com enfoques em temas locais. Não tem assinatura e “sem a obrigação de se ater a nenhuma imparcialidade ou objetividade” (Wikipedia, 2010). Cabe ao editorialista encarregar-se pela redação do jornal, cuja função é de se posicionar sobre temas polêmicos, manifestando sua adesão ou rejeição perante os diversos assuntos, através de mecanismos argumentativos próprios do jornalismo escrito. Para Santana (2003, p. 115), o estilo do editorial é classificado como: equilibrado, leve ou denso. Apresentando ideias, justificativas, sustentações, negociações e conclusões.

O discurso nº 5, gênero opinativo, de autoria de Deocleciano Nascimento, cujo tema é *Salve! Salve!* e *As Leitoras* é datado de 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo. Esse editorial inicia com uma saudação ao ano de 1916. O discurso tem existência na exterioridade do linguístico, no social, nos deparando de um lado com o sagrado, e de outro com o discurso de ano novo, para chamar a atenção. A marca da coletividade apresenta-se explicitamente na voz do sujeito pelo uso de *Gentis leitoras e leitores*, pois, embora o jornal seja *para homens de cor*, é também destinado para *mulheres leitoras*.

Na segunda parte do editorial, os redatores agradecem por aguardarem *quarenta dias* a sua nova publicação, fazendo a seguinte declaração:

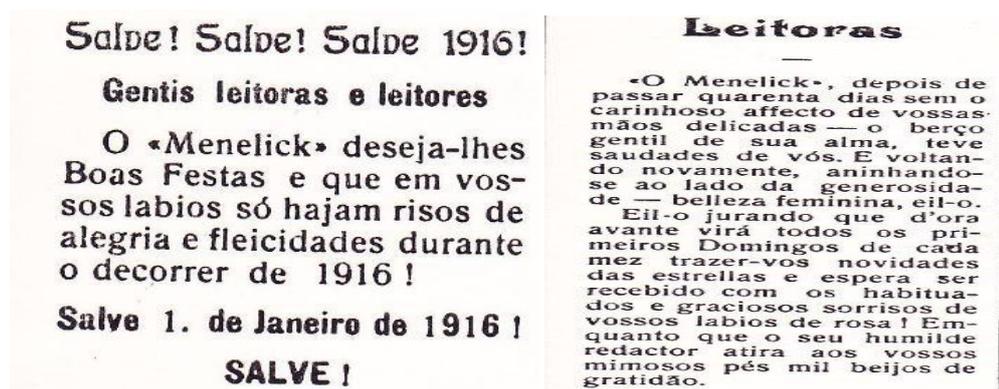


Figura 4. Editorial (1); (2). O Menelick, n.3, 1º de janeiro de 1916, p. 01.

Nesses dois editoriais (Figura 4), os sujeitos do discurso apresentam suas saudações primeiras às leitoras mulheres e depois aos homens leitores. Deveria haver, então, um número significativo de mulheres leitoras. Em favorecimento ao acesso dos imigrantes europeus, a maioria dos homens negros não estava inserida no mercado de trabalho, ficando para as mulheres negras

uma fatia na participação desse mercado (costurando, bordando, vendendo quitutes nas ruas), arcando com o sustento da família.

Os sujeitos do discurso apresentavam em seus editoriais diversas matérias relacionadas ao cotidiano da comunidade negra, festas, esportes, concursos de beleza, poesias, textos de protesto. A discursividade mostra o cotidiano das comunidades negras que contribuíam para sua formação e inserção na sociedade dos brancos. Este editorial não deixa de ser um importante movimento que integram e colaboram para as transformações e a formação da sociedade brasileira, com reflexos diretos em nossos dias, haja vista as constantes injustiças e discriminações pelas quais as mulheres negras ainda são vítimas.

O discurso nº 6, gênero poesia, de autoria de Marinheiro, cujo tema é Regresso de Vésper é datado de 1º de janeiro de 1916 e publicado na cidade de São Paulo.

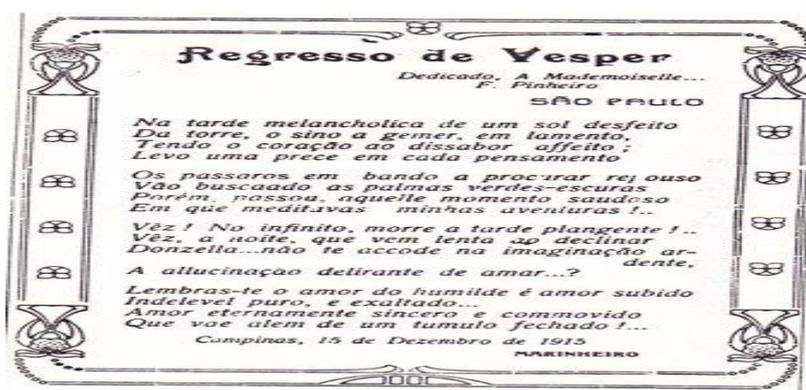


Figura 5. Poema – Regresso de Vesper. *O Menelick*, n. 03, 1º de janeiro de 1916, p. 01.

Encontramos ainda na primeira página do jornal uma poesia “Dedicado, A Mademoiselle...”. O poema “Regresso do Vesper”, que poderia chamar de Regresso da Estrela da Noite, reforça a postura do poeta em relação aos seus sentimentos pela *Mademoiselle*, que tem consciência das coisas do jeito como elas são, sem rodeios ou artificialismos. Embora pareça perturbado diante do amor, ele não se esquece de sentir “A allucinação delirante de amar”. O poema e sua relação com o mundo surgem dos sentidos; pois o autor crê que pensar o infinito o leva a ficar próximo da essência das coisas, como o amor.

Essa leitura reitera os textos, dialogando com os editoriais, traz outros discursos que têm lugar na história/memória das mulheres negras da época. As fortes palavras do autor ressaltam as qualidades positivas atribuídas à mulher (mãe, esposa, dona de casa). Essas imagens das mulheres remonta aos papéis tradicionais atribuídos às mulheres, sem apresentar qualquer autonomia no desempenho de suas funções, talvez por não ser adequado ao momento em que imprensa negra



circulava. Isso não significa dizer que a mulher ainda deixou de exercer e representar seus papéis tradicionais no âmbito doméstico.

O Discurso n. 7, gênero opinativo – Opinião ilustrada, de autoria de Roque Cardoso Rosa, traz o tema *Mãe*. É datado de 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo.

| | | |
|---|---|--|
| <p style="text-align: center;">Mãe!!</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p>E' este o meu primeiro trabalho.</p> <p>Mãe! não é o grito de extas s, nem tampouco de alegria, mas sim o de dôr, com que abro o meu livro e com elle o meu coração.</p> <p>Só após uma pungente dôr, e não tendo onde se reclinar a cabeça, é que sente-se a falta que faz uma mãe, a unica pessoa a quem se pode externar o sentimento do nosso coração, com sua palavra de conselho e consolação sempre prompt s para nos presentear nas afflicções e contratempos da vida...</p> <p>A unica pessoa em que podemos cegamente confiar sem receio de sermos traídos, porque somos sangue de seu sangue e carne de sua carne.</p> | <p>Feliz! feliz daquelle que a sua possúe, porque assim pode ouvil-a e seguir-lhe os conselhos. Os conselhos de uma mãe jamais são inúteis, porque ella só deseja a nossa felicidade, embora em p̄juizo da sua.</p> <p>Foi com a alma transpassada pela espada da dôr e com o rosto banhado em lagrimas, que comeci a escrever este meu livro. Nunca, como agora, senti tanta necessidade de minha mãe, de boa vontade daria minha vida para abraçal-a ainda uma vez e beijar-lhe as mãos.</p> <p>Na infancia, quando a vida constitue para nós só risos e folguedos, eu não comprehendia o que era mãe! não comprehendia o amor que minha mãe me devotava.</p> <p>Oh! mãe carinhosa! não amei-te tanto quanto merecias ser amada!</p> <p>Agora, aos desesove annos, é que comprehendo o tanto trabalho teu por mim, não sabendo até então medir os teus sacrificios. Amava-te, sim, mas o meu amor comparado ao teu, era como uma gotta de agua para um grande oceano!</p> | <p>Choro arrependido por não ter sabido amar-te quanto merecias... Perdoame.</p> <p>Agora, querida mãe, que teu filho havia de dar-te a recompensa de tão sublime sacrificio, deixas o mundo, deixando-me com o coração despedaçado e compungido pela dôr atroz.</p> <p>Mas estou certo que Deus ha de dar-te um bello lugar no ceu, porque tu o mereces, pela tanta caridade que praticaste, vestindo os nus, saciando os famintos, dando pousada aos peregrinos. Pede a Elle pelo filho, que jamais esquecer-te ha. Em attenção e agradecimento pelos teus sacrificios, acceiteis que no livro de de minhas dores sejas a «chave de ouro» para abril-o e fechar.</p> <p style="text-align: center;">S Paulo, 30 de Setembro de 1915</p> <p style="text-align: center;">ROQUE CARDOSO ROSA</p> |
|---|---|--|

Figura 6. Poema – Mãe!!. O Menelick, n. 03, 1º de janeiro de 1916, p. 03.

A terceira página do Jornal O Menelick traz um texto, assinado por Roque Cardoso Rosa, o qual é dedicado à mãe. O título Mãe!!, (figura feminina, mulher, negra, mãe) que foge da prática jornalística dos periódicos que hoje “estão sempre se transformando, tentando adaptar-se aos critérios de noticiabilidade do momento, às mudanças estéticas de paginação e aos avanços tecnológicos”, [assumindo] um “novo papel de informar e, se possível, mostrar ao leitor um ponto de vista noticiado” (Fernandes, 2010, p. 2).

O discurso nº 8, gênero: informativo, da autoria de Deocleciano Nascimento e B. Pereira, tendo como tema *Notas sociais e Expediente do jornal*, datado de 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo.



Figura 7. Chamadas; Expediente. O Menelick, n. 03, 1º de janeiro de 1916, p. 03 e 04.

Aparecem ainda, na terceira página, algumas notas sociais que se referem à comunidade negra – eleições de diretores dos clubes, votos de beleza para as moças, boas festas, cobranças, adjetivos bem humorados destinados aos leitores assinantes, e também aniversários. Na quarta página, o Expediente do Jornal mostra o valor da assinatura (1\$500) por seis meses, o endereço para correspondências – Rua da Graça, 203, como colaborar com o jornal, os direitos autorais e a responsabilidade do mesmo. Ao seu lado, aparecem algumas “chamadas” de elogios de alguns leitores do jornal, outras notas sociais de nascimentos, casamentos, necrologia/passamento.⁹

O Discurso n. 9, gênero informativo, de autoria de Deocleciano Nascimento tem como tema *Concurso de Beleza*, datado de 1º de janeiro de 1916 e publicado em São Paulo.

No final da última página há uma nota sobre *Concurso de Belleza Negra Feminina*, patrocinado pelo jornal, onde as interessadas tinham que se inscrever deixando uma foto na redação. Alguns jornais realizavam uma pré-seleção, outros publicavam a relação de todas as candidatas ao

⁹ Falecimento.



concurso, e os leitores julgavam (Domingues, 2003, p. 315). A apuração era realizada através da intenção de voto enviada pelo correio para a redação do jornal. Informava o Menelick (1916, p. 4):

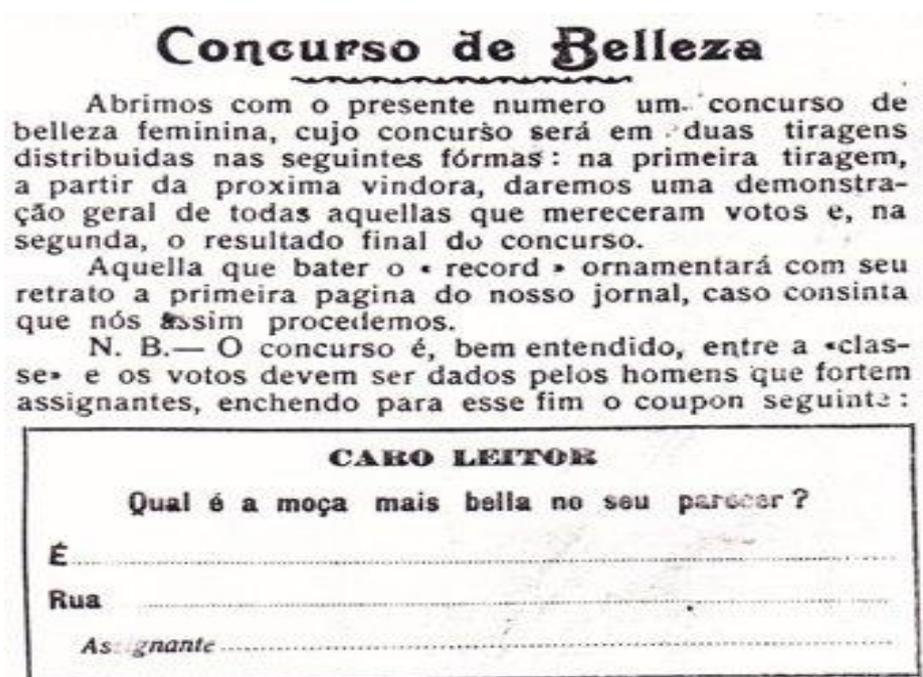


Figura 8. Concurso de Belleza. O Menelick, n. 03, 1º de janeiro de 1916, p. 04.

É por meio da história dos sujeitos que faz parte do jornal o entendimento da valorização das lutas do seu cotidiano. Esses concursos eram vistos como uma forma de projeção da mulher negra nacional, onde elas adquiriam fama e prestígio. Como nos aponta Silva (2000, p. 56):

O corpo negro que desfila leva consigo a momentânea redenção das mulheres negras, estereotipicamente relacionadas ao trabalho doméstico. São candidatas a rainhas. Saem do fundo dos quintais mentais e são colocadas diante da sociedade discriminatória.

Este rótulo com relação à mulher negra já vinha sendo historicamente construído com a exploração sexual a que eram submetidas no sistema de escravidão. A partir deste momento, o jornal tinha como finalidade valorizar a mulher negra, afixando o retrato da ganhadora na primeira página do jornal. Segundo Domingues (2003, p. 377):

Tais concursos cumpriam o papel de educação racial: primeiro, para as mulheres negras, na medida em que projetavam e premiavam suas qualidades estéticas no seio da comunidade negra; segundo, para o homem negro, que aprendia a reconhecer a beleza negra.



Na busca pela integração na sociedade, esses eventos contribuíram para despertar a vaidade e ao mesmo tempo ressaltar a autoestima da mulher negra, deixando de lado o complexo de inferioridade diante da mulher branca. Pois a branquidão das mulheres brasileiras e europeias impedia que mulheres negras ou indígenas pudessem ser agraciadas nas competições nacionais e internacionais, levando em conta apenas as características fenotípicas e medidas corporais (Silva, 2009, p. 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a imagem do negro no discurso jornalístico é condição *sine qua non* para uma postura reflexiva e crítica necessária à tradução do que ali é circunscrito e delimitado como realidade circundante. No nosso caso, a imprensa negra é conduzida por entre narrativas memorialísticas e denunciativas à população envolta ao ano de 1916. População esta composta por homens de cor que em determinadas situações não aceitavam a discriminação e preconceito por outros homens ditos brancos. Aqui, portanto, reside a práxis da narrativa escrita, emergir o dito por entre a consciência e/ou a deliberação da tradução feita ao que é lido.

O modo como a imprensa produz as notícias refaz o processo histórico, desde que saia do caráter puramente denunciativo e conclame a consciência crítica, particularmente, sublinhando como as orientações ideológicas que obedecem a interesses comerciais, sociológicos, econômicos, culturais e históricos próprios, ao tempo que, provoquem a articulação entre os elementos da realidade e o modo como esses elementos duelam na hierarquização entre o poder e o saber. Assim, os meios de comunicação, produtores de discursos, exercem poder de influência como elementos de constituição ou reforço de identidade para a raça negra.

Diante da análise dos jornais da imprensa negra, constatou-se que o(a) negro(a) é apresentado por cenários compostos de protestos, reivindicações, formação educacional e seu desejo de integração na sociedade, ou seja, por um discurso permeado pela busca da sua identidade. Compreender os vários papéis sociais, culturais, políticos e históricos construídos através dos jornais, proporciona perceber as formas como a imprensa veicula ou desvincula a inserção do(a) negro(a) e, conseqüentemente, a sua luta para ultrapassar a barreira do preconceito e de defesa dos interesses dessa população. Desse modo, os discursos apresentados nos jornais têm um potencial de reconstituir o dito que esconde o não dito, servindo para identificar o(a) negro(a) no modo como ele



é revelado nas diferentes expressões delineadas nos mesmos. Os sentidos que se movem pelo discurso fundador recompõem a ordem política, social e cultural do momento, variando conforme as proximidades, contrastes, semelhanças, continuidades e camuflagens no demonstrar interesses na construção da prática discursiva.

A imprensa negra, nesse sentido, mostra o valor da negritude, bem como das associações entre negro e desigualdades, incentivando atitudes, comportamentos e ações no refletir a cor e o estigma a ela associado. Tais jornais sublinham não apenas o preconceito racial, mas também tentam afirmar socialmente o negro, tanto pela instrução como apelo narrativo de integração deste grupo na sociedade. É mister salientar que tais jornais revelam um breve olhar sobre a mulher negra, abordando mecanismos de inserção destas no reagir às diferentes discriminações, a partir da poética da vida social associada aos seus itinerários cotidianos da mulher enquanto mãe, esposa, dona de casa. Assumindo, portanto, um novo meio de noticiar a valorização da sua autoestima.

O discurso jornalístico sobre o negro nos jornais da imprensa negra que circularam no ano de 1916 compreende a realidade política e social desta clientela, trazendo à tona o desenvolvimento de uma prática discursiva que elucidava a imagem positiva, palavras explicitadas pelo cotidiano e verdades determinadas pela inserção do negro na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento racial e cultural da classe. Em suma, a interlocução manifestada através da linguagem jornalística se configurou como um efeito de sentidos entre os sujeitos que, a partir da temática etnicorracial, fundam e refundam uma práxis envolvida de posições de grupos no identificar o entendimento do campo político e da valorização das lutas contra o preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Lúcia Helena Rioncón. *Imagens de mulher e trabalho na telenovela brasileira (1999-2001): a força da educação informal e a formação de professores(as)*. Goiás: UFG, 2005.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de Boaventuras: construções da África e Africanismos na Bahia (1887-1910). *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 215-245, 2002.
- BARRETO JÚNIOR, Jurandir Antonio Sá. *Raça e degeneração: análise do processo de construção da imagem de negros e mestiços, a partir de artigos publicados na Gazeta Médica Baiana (1880-1930)*. Salvador: Editora da Uneb, 2005.
- BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: *Estudos Afrobrasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 129-156.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).
- DOMINGUES, Petronio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo*. São Paulo: Senac Nacional, 2003.
- FAGUNDES, Anamaria; GOMES, Flavio. Por uma “anthologia dos negros modernos”: notas sobre cultura política e memória nas primeiras décadas republicanas. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*. Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 2, jul./dez., p. 72-88, 2007.
- FERNANDES, Adélia Barroso. Os títulos dos jornais como gênero: as restrições e as transformações nas chamadas de política do jornal Estado de Minas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. *Anais...* Santos: Intercom, 2007. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0163-1.pdf>. Acesso: 09 ago 2010.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise de Discurso: notas introdutórias*. 2. ed., São Carlos: Claraluz, 2007.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- HERNANDES, Nilton. Análise da edição 1.533. In: _____. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização*. Salvador: Edufba, 2004. p. 87-140.
- JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. Trad.: Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2000.
- MARIANI, Bethania Sampaio Correa. *Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)*. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – a revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. (Orgs.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.
- MARTINE, Joly. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Ed.70, 2007.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- NASCIMENTO, Washington Santos. São Domingos, o grande São Domingos: repercussões e representações da Revolução Haitiana no Brasil escravista (1791- 1840). *Dimensões – Revista de História da UFES*, n. 125, v. 21, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F., HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- SANTANA, D. M. R. Substantivo e formalismo vocabular no gênero “editorial”. In: PAULIUKONOS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 110-119.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 2, ago. 1988. Disponível: http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&Ing=en&nrm=iso. Acesso: 10 out. 2009.



- SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. *O movimento negro e o Estado (1983-1987): o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- SANTOS, P. S.; SALVADORI, M. A. B. Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo 1915-1933. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. *Anais...* Uberlândia: UFU, 2006, Disponível: www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos323pedrodesouzasantos_e_mariaangela_borgessalvadori.pdf. Acesso: 22 jul. 2010.
- SANTOS, Pedro de Souza. *A imprensa negra em São Paulo no início do século XX*. Disponível: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao14/materia03/>. Acesso: 23 jul. 2010.
- _____. *Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1937)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco. Bragança Paulista, 2007.
- SCHNEIDER, Maria A.; SOARES, Alexandre S. Ferrari. *A concepção de verdade no discurso jornalístico: o imaginário dos leitores da Folha de Londrina*. Disponível: http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/061.pdf. Acesso: 22 jul. 2010.
- SILVA, Joselina. *Mulheres negras: histórias de algumas brasileiras*. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.
- _____. *Renascença, lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.
- SILVA, Leyde Klébia Rodrigues. *Fontes de Informação na web: uso e apropriação da informação para disseminação e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba João Pessoa, 2010*. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Coordenação de Biblioteconomia, Universidade Federal da Paraíba.
- SILVA, Maria Aparecida. O cotidiano das mulheres negras a partir de suas narrativas: as experiências e formação de Araraquarenses. *Revista Fórum Identidades*, Sergipe (UFS), ano 3, v. 6, jul./dez. 2009.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SOUZA, Maria da Paixão N. Abordagem inter e transdisciplinar em Ciência da Informação. In.: TOUTAIN, Lídia Maria Batista B. (Org.). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- WIKIPEDIA. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Editorial>. Acesso: 19 jul. 2010.